

35° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

**GT 32: SEXUALIDADE E GÊNERO: SOCIABILIDADE, EROTISMO E
POLÍTICA**

ANTES DO ARCO-ÍRIS: ALGUMAS NOTAS SOBRE A TURMA OK

Autor: Thiago Barcelos Soliva, PPGSA-IFCS-UFRJ

Apresentação

Este trabalho tem como objetivo central analisar a trajetória de um grupo de sociabilidade formado majoritariamente por homens homossexuais chamado “Turma Ok”, sediado na Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro. Busco compreender como a trajetória desse grupo é construída a partir das relações de amizades estabelecidas por homens homossexuais, os quais na década de 1960 começaram a se reunir para compartilhar experiências de vida semelhantes. Esses homens passaram a se perceber como integrantes de uma “família”, o que distingue o grupo de um clube social comum. O trabalho de pesquisa foi fundamentado em observação participante e entrevistas em profundidade.

Metodologia

Esta pesquisa faz uso de fontes documentais, orais e de observação participante. Destaco ainda o uso de documentos da instituição, como o Estatuto da Turma OK, o Regimento Interno e as atas das Assembléias Mensais de Sócios, que ofereceram dados para entender a estrutura da associação. Em relação às fontes orais, a realização de entrevistas em profundidade, assim como as histórias de vidas forneceram materiais importantes para compor o “esqueleto”, a “carne” e o “sangue” dessa pesquisa (MALINOWSKI, 1978).

Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa, utilizando como método principal a observação participante. Escolhi a “Turma OK” para a pesquisa por se tratar de um lugar voltado para um público formado de velhos homossexuais, ainda que conte com a presença, menos expressiva, de um público heterogêneo, composto por pessoas de diferentes idades. Muito embora faça parte do “circuito gay¹” carioca, esse

¹ Para Magnani (2005) o “circuito” é “uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. A noção de circuito também designa um uso do espaço e dos equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço” (MAGNANI, 2005, P. 179). Partindo dessa lógica, o “circuito gay” pode ser classificado como um conjunto de estabelecimentos, espaços e serviços voltados para o atendimento do público homossexual.

lugar possui características que o distanciam de outros espaços de frequência marcadamente homossexual, tais como as saunas, boates e clubes de sexo. Um traço que mostra essa diferença está na percepção compartilhada pelos sócios da Turma OK de que essa associação é uma espécie de “família”.

Para Goldenberg (1995, 1997), a pesquisa qualitativa tem a capacidade de revelar questões que não poderiam ser evidenciadas pelo uso de estratégias quantitativas de coleta de dados. Neste estudo, a história de vida e as entrevistas em profundidade foram métodos importantes que associados à observação participante produziram um rico material de pesquisa. Construí a trajetória de vida de três sócios-fundadores da Turma OK, Agildo Guimarães, José Rodrigues e Anuar Farah. Os dois sócios fizeram parte do período que meus interlocutores classificam como “Primeiro Período” da Turma OK (década de 1960), quando esses homens que se relacionam sexualmente com homens se reuniam nos apartamentos para fins de diversão. Através dessas trajetórias, consegui recompor um contexto ainda pouco explorado pelas pesquisas que tratam da história da homossexualidade no Brasil.

Consegui o contato de Anuar Farah com Denise Tainah, a primeira pessoa que entrevistei no dia 15 de dezembro de 2011. Denise é uma travesti que conheceu a Turma OK quando participava de um grupo formado por *crossdressers*, o *Brazilian Crossdresser Club*². Na ocasião, Denise se dizia *crossdresser*³. Contudo, sua inserção em grupos de militância gay a fez reivindicar uma identidade travesti. Denise tem 51 anos, é negra e trabalha como secretária no Centro de Referência contra Homofobia do Estado do Rio de Janeiro. Ela frequenta a Turma OK desde 2008. Conheci Denise em uma das muitas noites em que estive na Turma OK, quando fazia questão de me sentar à mesa com pessoas desconhecidas para conversar e colher informações sobre o grupo. Logo que a conheci me apresentei como pesquisador, expondo os objetivos da minha pesquisa. Denise se mostrou sempre muito solícita. Por sua sugestão cheguei a Anuar. Ela me disse quem ele era, e para aguardar o seu contato. Esperei por três dias até que Denise me retornou com o número de Anuar.

² Um estudo detalhado desse grupo encontra-se na tese de doutorado de Anna Paula Vencato (2009) intitulada “*Existimos pelo prazer de ser mulher*”: uma análise do *Brazilian Crossdresser Club* defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia – IFCS – UFRJ.

³ De acordo com Anna Paula Vencato (2009), *crossdresser* seria a prática de vestir-se com roupas e acessórios que socialmente são identificados com o sexo oposto ao da pessoa que as usa. Nessa prática, vestir-se do outro gênero não implica manter relações homossexuais.

Liguei para Anuar imediatamente, e lhe expliquei os objetivos do estudo. Anuar pareceu-me seco na ligação, disse que não queria mais falar sobre a Turma OK, que o fazia única e exclusivamente pelo “apreço” que nutria por Denise, que havia solicitado esse favor. Agradei e marcamos um dia para nos conhecer e começar o meu trabalho. No dia 26 de janeiro de 2011, às 15 horas, estava em frente ao apartamento dele, na Tijuca. Ao tocar a campainha fui recebido por um senhor moreno, de cabelos curtos e grisalhos, alto, um pouco fora do peso e com uma voz suave. Anuar tinha 72 anos, mas aparentava ter menos idade. O apartamento era pequeno, de um quarto apenas, decorado com quadros e estátuas de inspiração homoerótica. Anuar divide esse espaço com um filho de criação, que não cheguei a conhecer, mas com quem falei pelo telefone algumas vezes, já que sempre ligava para Anuar para solucionar alguma dúvida que aparecia em relação à Turma OK.

Ao me receber, Anuar disse novamente que não mais falava sobre a Turma OK, pois havia saído da associação muito magoado em função de problemas que enfrentara com alguns dos sócios, e que aceitou conceder a entrevista em função da amizade que tinha com Denise Tainah. Mais uma vez agradei e depois de contar o meu interesse de pesquisa começamos a conversar. Adotei o formato de roteiro semi-estruturado, dividindo as perguntas em blocos específicos de acordo com períodos de tempo. Fiz perguntas relacionadas às décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 até chegar ao ano de 2000. As questões organizaram-se em torno da fundação e da trajetória da Turma OK. No fim da entrevista, perguntei a Anuar se sabia onde se encontrava Agildo Guimarães, outro sócio-fundador da Turma OK. Anuar disse que Agildo estava muito doente, morando na casa de parentes em Campo Grande. Contou que ele não conseguia falar e que não poderia receber a visita de um pesquisador interessado em sua trajetória.

Essas informações foram confirmadas por outros sócios da Turma OK que eram próximos de Agildo. Decidi recorrer a outra estratégia para ter acesso a essa fonte. Tinha lido a dissertação de mestrado de Rogério da Costa (2010) sobre o jornal *O Snob* alguns meses antes de iniciar meu trabalho de campo. Nesse trabalho, o autor entrevistou Agildo Guimarães, além de analisar o conteúdo da publicação idealizada pelo próprio.

Entre em contato com Rogério através de uma amiga. Escrevi um e-mail no qual expus a impossibilidade de entrevistar Agildo e solicitei as entrevistas que ele tinha feito com o mesmo. Fui atendido prontamente. Rogério me cedeu as entrevistas que tinha realizado com Agildo em duas ocasiões, 09 de fevereiro de 2008 e 12 de setembro de

2009, totalizando duas horas e trinta minutos de entrevistas. As perguntas se aproximavam muito daquelas que eu havia feito a Anuar, girando em torno do contexto sócio-político da época, dos encontros entre homossexuais, bem como do que acontecia dentro dessas Turmas⁴.

Agildo é Pernambucano, chegou ao Rio de Janeiro em 1952. No Rio, Agildo fundou o jornal *O Snob*, uma publicação de circulação restrita responsável por vincular notícias do “gueto”. Este é um personagem central para se compreender o surgimento da Turma OK. Não pude conhecer pessoalmente Agildo, mas as duas entrevistas me emocionaram muito, sobretudo quando ele revelou a sua idade, 79 anos dos quais teria vivido intensamente a sua homossexualidade.

Através de Anuar, pude chegar ainda a José Rodrigues. Esse homem foi presidente da Turma OK quando da saída de Anuar. Além de ter feito parte de várias outras gestões como diretor cultural, José Rodrigues tem 86 anos, está aposentado, tendo trabalhado durante muito tempo em uma empresa de exportação. Ele chegou ao Rio de Janeiro em 1954, vindo de Recife. De família humilde, José Rodrigues perdeu a mãe muito cedo, tendo que morar com uma tia. No Rio de Janeiro, ele entrou em contato com Agildo Guimarães, com quem compartilhou apartamento, que lhe apresentara a Turma OK.

A Turma OK: “uma confraria gay na Lapa”

A Turma OK foi fundada em 13 de janeiro de 1961⁵. Esse momento é chamado pelos sócios mais antigos de “Primeiro Período”. A ideia de fundar um grupo formado por homossexuais surgiu de um conjunto de amigos que se reuniam periodicamente nos seus apartamentos. De acordo com Agildo Guimarães, a ideia de formar uma Turma não foi pensada desde o começo, mas algo espontâneo que ocorreu ao longo do tempo⁶. Essas reuniões ocorriam semanalmente, ou no máximo de 15 em 15 dias. Muitos desses amigos eram moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro.

⁴ Daqui em diante, a palavra “Turma” sempre aparecerá com a inicial maiúscula.

⁵ Data que consta no Estatuto da Turma OK.

⁶ Não se sabe precisamente em qual ano essas Turmas começaram a se reunir em apartamentos. É consenso entre os sócios mais antigos da Turma OK que isso aconteceu entre fins da década de 1950 e início da década de 1960.

A Turma era formada por funcionários públicos, comerciantes e outros profissionais. De acordo com Agildo, algumas mulheres participavam dessas reuniões. Elas serviam, de certa forma, para encobrir as atividades realizadas por esses homens. A inserção de mulheres nas atividades parecia tornar o grupo mais heterogêneo, evitando comentários que poderiam existir quanto à presença somente de homens dentro desses apartamentos. Um dos anfitriões mais famosos desses encontros foi Antônio Peres, um boliviano que abria as portas de seu apartamento no Edifício Varsóvia, situado na Rua Almirante Tamandaré, 41, no bairro do Flamengo.

Das reuniões no apartamento de Antônio Peres surgiu a ideia de formar um grupo cujo nome “Tudo OK” foi sugerido por Nyhlmar Amazonas Coelho. A alcunha era como uma senha que só fazia sentido entre os associados. Essa senha servia como uma estratégia para ocultar o verdadeiro motivo de se reunirem: a homossexualidade. A partir daí os membros do “Tudo OK” começaram a ser conhecidos como “Turma OK”. Segundo Agildo, desde seu surgimento a Turma OK já se organizava com um presidente, vice-presidente e tesoureiro. O grupo também registrava suas atividades em atas.

Nas reuniões eram lidos jornais sobre temas variados, eram feitas brincadeiras como “salada mista⁷” e “jogo da verdade⁸”. Havia ainda pequenas apresentações, nas quais homens “vestidos do outro gênero” exibiam roupas e faziam dublagem de importantes cantoras do momento. Essas apresentações eram aplaudidas com os estalar dos dedos em função do receio de serem descobertos pelos vizinhos e denunciados às instituições responsáveis pela repressão no período da ditadura. Esse episódio é ainda lembrado pelos sócios da Turma OK. Anuar, Álvaro, Benito, lembram desse período com muito orgulho, símbolo da resistência deles e de tantos outros que sofreram com a falta de liberdade.

Em 1962, o grupo reforçou seus quadros com a entrada de homens que participavam de outros grupos da Zona Sul. Eles vieram principalmente do Grupo do Snob. Na ocasião, aderiram à Turma OK, Carlos Miranda (Ceeme), Agildo Guimarães,

⁷ Trata-se de uma brincadeira infantil na qual o grupo cobre os olhos de um dos membros que aleatoriamente escolhe outro participante e lhe pergunta “pêra, uva, maçã ou saladinha?”. Cada uma dessas frutas possui um significado específico, pêra = aperto de mãos, uva = abraço, maçã = beijo no rosto e saladinha = “celinho”, um beijo na boca.

⁸ É um jogo de perguntas e respostas que servem para conhecer mais profundamente o indivíduo que participa da roda de jogo. É obrigatório falar a verdade, caso contrário se paga uma prenda previamente estipulada pelo grupo, como um beijo na boca, por exemplo.

Zozô, José de Assis, Sérgio Fernando e outros. Alguns, como Agildo Bezerra Guimarães, seriam futuramente eleitos presidentes da Turma.

Agildo Guimarães, que entrou para a Turma OK um ano depois de sua fundação, revela que “a essência do grupo era para reunir, conversar e rirmos entre nós... para que a gente existisse como gay/homossexual”. A possibilidade de existir como homossexual era um dos principais objetivos perseguidos por esses grupos, diante de uma sociedade com poucos espaços onde poderiam “ser eles mesmos”. Nessas reuniões ocorria muito mais do que o encontro de indivíduos que se reconheciam em função de suas preferências sociais, ali se aprendia a ser “homossexual”, assim como, mais tarde, em reuniões semelhantes, aprendeu-se a ser “militante homossexual”, como lembra MacRae em estudo sobre o grupo Somos/SP (FACCHINI, 2005).

Simultaneamente, as Turmas ocupavam papel semelhante àquele desempenhado pela família. Agildo revela que esses homens se reuniam também em datas comemorativas como o Natal e o Ano Novo. Muitos moravam sozinhos e estavam longe de suas famílias biológicas, que se encontravam em outros estados; ou moravam em bairros diferentes daqueles em que os familiares residiam. Agildo conta que as reuniões natalinas concentravam um grande número de pessoas, cada qual trazia um prato de comida e trocavam presentes. Esses encontros permitiam criar uma rede de proteção baseada em laços de amizade.

Parece que essas relações foram progressivamente substituindo as relações familiares. O cuidado com o outro, conta Agildo, era uma preocupação recorrente entre os membros da Turma. Agildo Guimarães revela que em algumas festas que dava em seu apartamento para amigos, ele mesmo não aproveitava, tampouco bebia, com o objetivo de cuidar da segurança dos outros amigos. Ele agia como uma “mãe” observando detalhes que colaboravam para o bom andamento das festas. O principal objetivo dessas “mães” era controlar as “bichas”, impedindo que ocorressem eventos que pudessem chamar atenção dos vizinhos ou mesmo da polícia. As relações de amizade permitiam dividir experiências de vida, oferecendo um espaço de trocas entre esses homens. Guimarães (1984) diz que:

As relações de amizade homossexual, distintas das do celibatário, implicam não somente reciprocidade de afetos, alegrias, infortúnios e confidências “normais”, como constituem também uma rede vital de troca das intimidades proibidas – os “babados”, as “baixarias”, os sucessos da “divina” – reservados aos ouvidos entendidos (GUIMARÃES, 1984, p. 578).

Essa “rede vital” é animada por um conjunto de relações sociais responsáveis pela transmissão de códigos e símbolos, o que a autora chama de “intimidades proibidas”, que só fazem sentido dentro do grupo de pares.

Assim como outros grupos que se reuniam no período da ditadura militar, esses amigos trocavam de casa a cada encontro, tendo por objetivo despistar a fiscalização da polícia. Para Anuar, durante a ditadura “não existiu gay. Quem era gay deixou de ser, por que tinha que ter muito cuidado na rua, sair, com quem falar”. Anuar lembra que muitas “bichas” sumiram e nunca mais apareceram para contar o que tinha acontecido. Agildo acrescenta que ser gay era um problema até mesmo para alugar um apartamento.

A fiscalização nas ruas era constante. Aqueles considerados suspeitos eram parados e levados para a delegacia. De acordo com Anuar, um chefe de polícia da época tinha o costume de colocar um limão dentro das calças daqueles que usavam uma calça mais justa. Se caísse, o indivíduo era liberado, pois estava usando uma calça compatível com os padrões de masculinidade. Mas se ficasse retido no corpo, significava que a calça estava muito apertada, portanto, não poderia um “homem de verdade”. Essas “atitudes suspeitas” iam desde frequentar espaços marcados pela presença de homossexuais, até o uso de roupas consideradas inadequadas para um homem, como a calça mais justa. Na delegacia, esses homens eram submetidos a árduas tarefas domésticas como lavar banheiro e faxinar as celas. Muitos homossexuais quando presos, acrescenta Anuar, se cortavam com lâminas para serem liberados da humilhante expiação que esses serviços representavam.

Diante desse contexto, a Turma OK foi obrigada a diminuir suas atividades. Durante cerca de 20 anos o grupo ficou sem se reunir. Nesse momento, revela Anuar, a atividade com os jornais se intensificou. Foi somente com o processo de abertura política que as atividades retornariam efetivamente. A chegada da década de 1970 trouxe novo fôlego à Turma OK.

No Brasil, manifestações artísticas, principalmente na música popular, começam a adotar um comportamento contestador das convenções de gênero. Personagens andróginos como Ney Matogrosso (Secos e Molhados), Caetano Veloso (Doces Bárbaros) e o grupo Dzi Croquetes levaram milhares de fãs ao delírio. Essas pessoas não admiravam apenas os artistas, mas ainda seu estilo de vida, que envolve a adoção de valores comunitários, o uso de drogas, liberdade sexual etc.

Nesse contexto de florescimento cultural, Jorge Luiz Ferreira Bahiana (o paizinho) teve a iniciativa de reunir novamente o grupo. A partir desse momento esses homens passaram a se encontrar com regularidade. Jorge Luiz Ferreira Bahiana começou a receber os antigos amigos da Turma OK em sua casa. Ele chamou para esses encontros Agildo Guimarães e Anuar Farah. A Turma OK passou a ter uma atividade intensa. Os apartamentos ficaram pequenos para recepcionar o número crescente de amigos que começaram a frequentar as reuniões. Os encontros passaram a acontecer nas dependências do Clube 1º de Maio. Por meio de amizades que tinha com pessoas do Cabaré Casa Nova (boate na Lapa) Anuar conseguiu trazer para esse clube as reuniões da Turma, que passaram a ser realizadas todas as segundas-feiras. Nesse espaço, os “okeis” permaneceram por três anos, mudando para sede própria que conseguiriam também na Lapa.

Na década de 1980, principalmente a partir do ano de 1983⁹, uma nova página passaria a ser escrita na história da homossexualidade. O advento da Aids provocaria uma ruptura definitiva na forma como a história da homossexualidade vinha sendo contada. Falava-se muito sobre o assunto, revela Anuar, muitos homens optavam por se “retrair sexualmente”, afirma, com medo de serem contaminados pela doença desconhecida para muitos homossexuais brasileiros. Anuar revela que muitos não acreditavam que iriam pegar, já que acreditavam que a doença só poderia ser transmitida através do sangue.

O surgimento da doença atualizou uma série de estereótipos já atribuídos à homossexualidade. No plano religioso, muitos acreditavam que a doença seria uma espécie de castigo imputado aos homossexuais pelos seus pecados contra a natureza. Já no plano científico, o homossexual, como tipo social, passaria de uma patologia, amplamente estudada pela ciência, para a condição de um agente patogênico, principal grupo identificado como potencial transmissor da nova doença (DANIEL E MICCOLIS, 1983). Paralelamente, a epidemia possibilitou a “remoção do véu que cobria as sexualidades”, como lembra Trevisan (1986), tornando pública a discussão sobre a sexualidade no Brasil (TREVISAN, 1986). A violência com que essa doença atingiu a sociedade marcou ainda novas possibilidades de inserção política dos homossexuais,

⁹ De acordo com Herbert Daniel, o primeiro caso oficial de morte por decorrência do HIV no Brasil data de 1983, com a morte do cabeleireiro e maquiador Marquito.

visto que os grupos de militância gays foram os pioneiros a elaborarem respostas político-sociais às vítimas da doença.

De acordo com Agildo, esse período foi marcado pelo desconhecimento das “bichas” em relação ao vírus, ideia compartilhada por Anuar. Muitos foram os amigos e conhecidos que morreram, incluindo um presidente da Turma OK. Agildo atribui à sorte ter passado pelo período sem ter sido contaminado. Segundo ele, toda vez que se apaixonava por um “bofe” esse não correspondia às suas investidas, e logo depois descobria que esse mesmo rapaz tinha morrido de Aids. A Turma OK participou ativamente de campanhas que tinham por objetivo esclarecer as pessoas acerca da doença. Segundo Anuar, a Turma OK foi uma pioneira nesse tipo de iniciativa, realizando no início da década de 1980 palestras nas quais médicos falavam sobre o vírus e suas formas de contágio.

Entre fins da década de 1980 e início da década de 1990, a Turma OK se manteve afastada do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB)¹⁰. Esse afastamento se acirrou durante a “segunda fase” do MHB, quando ocorre a “ongnização” do movimento em função da aproximação deste e o movimento de combate à Aids. Para Anuar, esse movimento que começa acumular capital político (GÓIS, 1999), teria se tornado um mero captador de recursos desviando-se da lógica assistencialista perseguida pela Turma OK. Para Anuar, essa era a principal diferença entre a Turma OK e aquele movimento que acabara de ressurgir, posto que a associação continuava mantendo sua assistência às vítimas da Aids sem angariar recursos junto ao Estado.

A década de 1980 marcaria ainda a institucionalização da Turma OK, incluindo nesse processo a instalação em uma sede própria e a criação do seu estatuto. A Turma OK passaria então a viver o seu “Segundo Período”. Em 1984, assumiria a presidência da Turma Anuar Augusto Farah y Jaber. A gestão de Anuar marcaria a realização dos grandes concursos de beleza promovidos pelos “okeis”. Segundo Anuar, foi durante a década de 1980 que os concursos promovidos pela Turma OK deixariam de ser realizados nos apartamentos e passariam a ser feitos em clubes como o Sírio-libanês.

A escolha da “Musa de Inverno” seria um desses concursos que demandaria muito tempo e dedicação. De acordo com Anuar, a ideia de fazer o evento teria partido

¹⁰ Apesar do distanciamento político em relação ao MHB, a Turma OK manteve relações amistosas com este movimento e com a sua agenda. Um exemplo dessa relação foi sua participação no VI Encontro Brasileiro de Homossexuais (VI Ebho), realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 29 a 31 de maio de 1992 (FACCHINI, 2005).

dos grandes concursos de Miss ocorridos no Maracanãzinho na década de 1960. Para tanto, Anuar tentou até mesmo conseguir o próprio Maracanãzinho, o que foi negado pela prefeitura. Procurou então as dependências do Automóvel Clube do Brasil, situado na Lapa, o que também foi negado. Anuar conseguiu então o clube Sírio-libanês que passaria a hospedar as festas realizadas pela Turma OK durante oito anos.

Nessas festas, era exigida vestimenta adequada, sem a qual não se poderia entrar no clube. Anuar revela que quando lançava a exigência de um novo traje, como o esporte-chique, inventado por ele, avisava aos convidados e esses sabiam que não poderiam entrar se não estivessem de acordo com a roupa exigida pelo anfitrião. O esporte-chique era uma mistura do social com o esportivo, diz Anuar. Foi um estilo criado para incluir o uso do tênis no vestuário elegante, quando Anuar percebeu que os preços desse calçado eram tão mais elevados quanto os de um par de sapatos social.

Na gestão de Anuar, a Turma OK conquistou sua sede própria. O casarão que servia de ateliê a Jorge Antônio Santa Rosa, sócio da Turma, foi cedido para hospedar a nova sede, na Rua do Rezende, 43. Tratava-se de um prédio alugado, transferido para a Turma por Jorge Antonio. No início, o grupo ocupava um andar, depois foram apropriados os outros três andares do prédio. Anuar lembra com saudades dessa sede, que contava com amplos espaços, como o salão de estar que funcionava como recepção tendo em suas paredes as fotos e os diplomas que contavam a história da Turma OK¹¹.

De acordo com Anuar, a primeira iniciativa quando do lançamento da sede foi realizar uma exposição com as fotos de várias produções artísticas promovidas pela Turma, incluindo os vestidos utilizados nos espetáculos. Na ocasião, a Turma começara a ser conhecida pela mídia. Anuar diz que a escolha do bairro da Lapa não foi intencional. De acordo com ele, a Lapa naquela época ainda guardava vestígios de Madame Satã, presa na Ilha Grande, sendo um bairro decadente associado à violência, com aluguéis bastante acessíveis.

Muitos “projetos” foram concebidos também na gestão de Anuar. O “projeto” intitulado “Agora é que são eles e elas”, apresentado por Álvaro Marques e Ilona de Martini, foi um deles e que até hoje está em cartaz. Outro “projeto” de grande repercussão no período e que ainda existe é o “Tula recebe...”. Trata-se de um *talk-show*

¹¹ Com a mudança para a nova sede na Rua do Rezende, 42 em 1984, essas fotos e diplomas foram colocados em um pequeno quarto junto ao camarim, sem qualquer tipo de tratamento adequado para a sua manutenção.

comandado por Gilles. Quando esse “projeto” foi lançado, Gilles, vestido de smoking, recebia celebridades do mundo artístico. Anuar contou que a entrevista que mais levou pessoas à casa foi a de Renato Aragão. Anuar precisou do apoio da polícia para evitar a superlotação do espaço. Hoje, Gilles faz o “Tula recebe...”, “montado” e suas entrevistas são com pessoas não tão conhecidas pelo público, mas ainda consegue lotar a casa.

Por razões profissionais, Anuar se manteve afastado da Turma por 10 anos. Nesse ínterim, vários outros sócios comandaram os destinos da associação, como José Luiz Adolpho Ferreira Bahiana (o paizinho), José Rodrigues de Souza, Gilberto Costa Ribeiro, Agildo Bezerra Guimarães, Roberto Andrade, Adalberto Fonseca Filho, muitos dos quais pertencentes à antiga formação da Turma. Somente em 1998 Anuar voltaria a compor o quadro de sócios da Turma, ocupando novamente o cargo de presidente, do qual só se despediria em outubro de 2006. Anuar ocupou seis mandatos de presidente na Turma OK, além de cargos administrativos como Diretor Social em outras gestões.

Em 2008, a Turma OK se mudou para o número 42 na mesma Rua do Rezende. Anuar conta que nesse momento passaram a pagar um aluguel mais caro por um espaço menor. A mudança foi o reflexo de uma série de problemas financeiros e de ordem administrativa pelos quais o grupo vinha passando. No momento, presidia a associação Luiz Augusto, chamado Mimososa Kerr, filho de José Luiz Adolpho Ferreira Bahiana (o paizinho), a quem se atribui o ressurgimento da Turma OK na década de 1970. Parece que os problemas financeiros começaram na última gestão de Anuar Farah. As inúmeras festas e concursos, assim como a inadimplência de alguns sócios teriam deixado uma herança de dívidas à Turma OK. Anuar saiu sob a acusação de desvio de dinheiro, o que o deixou extremamente magoado. Ele diz que tentou se defender, mas alguns “okeis” não queriam ouvir o que ele tinha para falar, fato que teria provocado o seu afastamento definitivo da associação.

Na gestão de Mimososa Kerr as desavenças entre os sócios ficaram ainda mais acirradas. As obras de recuperação da sede causaram grande discussão entre os sócios da Turma OK. Muitas reclamações foram dirigidas ao tipo de material comprado para fazer os reparos, considerado muito caro. Segundo Álvaro Marques, atual vice-presidente, o piso colocado no camarim foi uma das principais razões para as queixas, por ser um piso caro e pesado, causando o rebaixamento do teto no andar inferior, o que demandou mais obras de reparo.

Nesse momento, as brigas nas assembleias se tornaram mais frequentes e violentas. Algumas dessas brigas terminavam com tapas e ameaças entre os sócios. Mimososa Kerr saiu do cargo acusada de má-administração e responsabilizada pela dilapidação do patrimônio da Turma OK. Alguns sócios, como Ilona de Martini, contaram que depois da gestão de Mimososa Kerr muitas fotos e outras memórias da Turma OK desapareceram. Depois desse período turbulento, novas eleições foram convocadas, sendo eleito por unanimidade para o atual mandato Benito Falbo. De acordo com Anuar, que mesmo fora da associação apoiou e mobilizou amigos para votarem em Benito, a escolha do novo presidente atendeu a uma demanda por controle das finanças. Benito Falbo, para Anuar, é um homem de comprovada experiência comercial e poderia fazer a Turma OK arrecadar dinheiro e sair da crise na qual se encontrava.

Em janeiro de 2011, a Turma OK fez 50 anos. Para as comemorações do seu Jubileu de Ouro foi realizada uma missa na Igreja de São Crispim e São Crispiniano e uma pequena recepção nas dependências da associação para sócios e amigos. Anuar lamenta a pouca pompa com que foi comemorado o aniversário do grupo. De acordo com ele, uma festa de gala deveria ser realizada para celebrar a longevidade da Turma, “uma das mais antigas do mundo”, diz. Com Benito na presidência, a casa vem conseguindo manter as contas equilibradas, mas parece que esse controle está vinculado à diminuição das festas que fizeram, nas décadas de 1980 e 1990, a Turma OK ficar famosa no cenário carioca, o que vem causando insatisfação em muitos sócios, sobretudo os mais antigos.

O Espaço

A atual sede da Turma OK está localizada em um antigo sobrado na Rua do Rezende, número 42, no bairro carioca da Lapa. Essa rua se inicia na Rua do Lavradio, famosa pelas suas lojas de antiguidades, bem como pela sua feira de móveis e artigos antigos que ocorre sempre no primeiro sábado de cada mês; e termina na Rua do Riachuelo, importante via que corta toda a Lapa, e que concentra uma grande variedade de lojas comerciais. A Rua do Rezende corta outro logradouro que concentra a maioria dos bares e demais locais de entretenimento do bairro, a Avenida Mem de Sá. A parte da rua onde está localizada a sede da Turma OK tem como limites a Avenida Mem de Sá e a Rua Gomes Freire. O quarteirão que compreende a Rua do Rezende, a Rua Gomes Freire

e a Rua do Lavradio, forma um grande triângulo onde se concentram os bares e boates destinadas ao público homossexual na Lapa. Os bares “Estilo da Lapa”, “Sinônimo” (bar e boate frequentado por lésbicas), “Sal e pimenta” e a própria “Turma OK” estão nesse triângulo.

Ainda que não tenha nascido nesse bairro, a Turma OK vem construindo uma identidade com ele, como podemos observar na chamada vinculada em seu site:

A Turma OK não é um grupo de militância gay, nem mesmo uma boate ou bar gay, é um clube social, estritamente familiar, na tradição carioca gay do centro do Rio. Fazem parte daquele cenário, assim como estão a Gafieira Estudantina, o Bar Luis e o Clube da Bola Preta. É uma verdadeira confraria gay, localizada na Lapa (www.turmaok.com.br).

Essa propaganda evidencia a intenção da associação de ser percebida como um “patrimônio da Lapa”. A esse esforço alia-se a ideia, compartilhada entre os sócios, de que a associação não se assemelha a outros espaços dedicados à sociabilidade gay, sobretudo aqueles voltados para o mercado sexual, como as saunas. Acredito que essa tentativa visa “higienizar” a Turma OK de qualquer possível aproximação com o circuito gay ou com grupos de militância. Segundo Álvaro, “somos um clube social”. Essa ideia permeia as relações da associação com órgãos oficiais como a Prefeitura do Rio de Janeiro, que acha que o local é uma boate. Isso acaba gerando atritos com a presidência da casa, já que precisam observar algumas obrigatoriedades previstas para o funcionamento de casas noturnas, sem se pensarem com tal.

O caráter híbrido da Turma OK se expressa na forma como é organizada sua sede. Ela pode ser dividida em três espaços principais: o salão de entrada, o palco e o camarim. Esses lugares e os objetos contidos neles expressam a diferença da Turma OK em relação a outros espaços voltados para os encontros homossexuais. A Turma OK não é uma boate, não é uma sauna, mas também não é um clube social comum.

A entrada da Turma OK se dá por meio de uma porta comum. Na portaria, encontra-se um balcão onde um rapaz jovem, chamado Júnior, entrega as comandas de consumo, exigindo o nome do frequentador que é escrito na parte superior do papel. Ao final, esse mesmo rapaz recebe as comandas que foram pagas no andar superior. Ao lado do balcão, um estandarte em azul real com bordados dourados ostenta as letras “OK”, escritas também em cores douradas. O acesso ao sobrado se dá por meio de uma escada de madeira que se encontra em péssimo estado de conservação. Margeada por lâmpadas, dessas que são utilizadas para enfeites de Natal, e com um tapete vermelho em avançado

estado de decomposição, a escada se liga a um salão amplo com pisos brancos em toda a sua extensão e com o teto pintado de preto.

O salão de entrada localiza-se logo ao sair da escada. Essa parte da sede é a que mais se aproxima da lógica de um clube social, com quadros de avisos, fichas¹², balcão etc. Assim que se chega ao espaço encontra-se um grande mural contornado por detalhes barrocos que tem na parte superior as máscaras da tragédia e da comédia e ao fundo um tecido em veludo vermelho. Esse quadro divulga a variada programação da Turma. Diversas informações são fixadas nele, desde mensagens de Natal até propagandas das atrações que vão se apresentar. Esse quadro é periodicamente alterado, servindo de veículo de comunicação entre os sócios e aqueles que apenas estão visitando a Turma.

Em seguida, encontra-se o balcão onde são feitos os pagamentos das comandas. Ele ocupa quase toda a porção do salão que fica acima da escada. Nele, encontram-se as fichas dos sócios. É lá que são feitos o controle do pagamento da mensalidade, bem como a inscrição de novos sócios e a entrega da carteirinha. O presidente da Turma OK, Benito, sempre se encontra atrás desse balcão, resolvendo algum problema relacionado às finanças da casa.

Destaca-se no salão de entrada outro quadro dedicado a exibir as cabeças coroadas nos concursos promovidos pela Turma OK. Assim como o outro mural, esse também é luxuosamente decorado margeado por um pano vermelho com detalhes dourados. Na parte superior, uma coroa em paetês e outros materiais brilhantes. Ao fundo, um tecido aveludado em vermelho. No centro desse quadro, as fotos dos sócios tiradas na coroação por algum título conquistado em concursos da Turma. São cinco os títulos: “Musa OK”, “Rainha da Primavera”, “Lady OK”, “Mister OK” e “Rainha OK”.

Outro espaço que se destaca na sede da Turma OK é o palco. Trata-se de uma estrutura em madeira pintada de preto. Ao fundo, uma cortina em tecido brilhante na cor preta colada à parede cobre toda sua extensão. O palco tem uma coxia localizada à sua esquerda. A coxia é um pequeno cômodo que serve para guardar dos olhos da platéia as atrações que irão se exibir no palco. Lá tem um pequeno espelho colado à parede com três lâmpadas na parte superior. Aqueles que vão se apresentar ficam na coxia, esperando o momento apropriado para entrar em cena.

¹² Não consegui ter acesso às fichas que contêm informações sobre os sócios. Benito disse que essas informações eram sigilosas.

É no palco que o “tornar-se mulher” se realiza. Diferente das boates, cuja pista de dança se destaca no conjunto do ambiente, na Turma OK o palco é o espaço que mais interessa a todos. Os frequentadores não procuram a Turma OK para dançar, mas para assistir aos shows. Quando o show acaba todos vão embora. Nas noites em que estive presente, nunca vi ninguém dançando no salão. Todos esperam em suas respectivas mesas o clímax da noite, as apresentações. Nesse ínterim, muitas conversas ocorrem, mas o corpo se mantém imóvel, sentado na cadeira. As músicas escolhidas para tocar no espaço são os sucessos das décadas de 1970 e 1980. São canções mais suaves, conta Denise Tainah, quando comparadas às batidas das músicas eletrônicas tocadas nas boates cariocas.

No terceiro andar do casarão localiza-se o camarim. O camarim é amplo, com pisos e paredes brancas e grandes espelhos com lâmpadas nas bordas. Se nos outros ambientes a luz é propositalmente mais escassa, no camarim o excesso de luz é marcante. Completando a estrutura, há ainda banheiros próprios e ventiladores que tentam amenizar o calor que, segundo Álvaro, é típico dessa parte da casa. Álvaro disse orgulhar-se desse camarim, que, segundo ele, é mais confortável e maior do que o anterior, no número 43 da mesma rua.

É nesse espaço que homens velhos se transformam em lindas mulheres e, depois do show, voltam a ser homens velhos. Trata-se de um lugar interditado aos frequentadores do casarão. Somente os convidados e sócios podem ter acesso.

A estrutura administrativa

O Estatuto da Turma OK foi aprovado em 09 de maio de 1985 quando Anuar era o presidente da associação. Nesse mesmo ano, no dia 31 de maio, a Turma OK foi constituída como sociedade civil. Estavam presentes para a assinatura da ata de constituição, Anuar Farah, José Luiz Rodolfo Ferreira Bahiana (o paizinho), Irapuã Marques da Silva e Luiz Antônio Santa Rosa. Anuar diz que a ideia de ter um estatuto para regular as atividades da Turma OK foi dele. O estatuto conferiu à Turma OK o status de pessoa jurídica, organizando suas atividades em artigos que dispõem sobre a forma de funcionamento do grupo.

Segundo Anuar, esse primeiro documento foi inspirado em um estatuto que obtivera com seu irmão que trabalhava em uma empresa em Campos dos Goytacazes. Lendo o referido estatuto, Anuar adaptou-o à realidade e às necessidades da Turma OK. O resultado foi uma carta com um “peso semelhante à constituição”, disse Anuar, com o objetivo de organizar as atividades do clube, informando a todos os sócios sua estrutura e formas de administrar a associação. O estatuto dispõe sobre diferentes temas, como os cargos administrativos, as eleições e o tempo de mandato.

A estrutura da Turma OK é formada por um presidente, um vice-presidente e dois secretários, o secretário financeiro e o secretário geral. Esses dois secretários são escolhidos pelo presidente e submetidos ao Conselho. O conselho é formado por sete sócios da Turma OK que não estão acima do presidente. Trata-se de um órgão consultivo e de recursos, não tem a função de fiscalizar. Cabe ao conselho homologar ou não os nomes sugeridos para ocuparem os cargos de secretário.

Os sócios que compõem o conselho são escolhidos por meio da Assembléia Extraordinária de Sócios, evento que ocorre de dois em dois anos para esse fim. A Assembléia Extraordinária pode se reunir quando convocada por algum episódio que mereça atenção maior de todos os sócios.

Cabe ainda ao presidente escolher seus diretores como achar melhor, sendo-lhe atribuído inclusive a criação de novas diretorias por meio de atos. Os diretores podem escolher seus assessores que, por sua vez, deverão ser submetidos ao presidente. O mandato de presidente tem duração de dois anos. Quando concluídos esses dois anos, novas eleições são convocadas.

Em 1989, a Turma OK fez alterações no estatuto de 1985. A mudança mais significativa foi a criação do Regimento Interno, aprovado em assembléia em 07 de novembro de 1989. O regimento expressa de forma clara seus objetivos em relação aos associados, sendo imputadas exigências para o pertencimento ao grupo:

- 1 – Ser maior de 18 anos;
- 2 – Conhecer a sociedade, seus objetivos, bem como ter participação de alguma atividade da Turma OK;
- 3 – Ser proposto por um associado e aprovado pela diretoria.

A luta pelas liberdades individuais passa a ser pauta obrigatória reconhecida pelos sócios da Turma OK (COSTA, 2008). O Regimento Interno, ao contrário do Estatuto

aprovado em 1985, insere a Turma OK como participante dos movimentos que lutam pela livre expressão sexual. Esse “sair do armário” da Turma OK veio junto com a constituição de 1988, documento que conferiu amplos direitos à sociedade brasileira. Parece que a identificação explícita com a homossexualidade e sua luta pela conquista de direitos foi favorecida pelo momento político que esses homens estavam vivendo.

Os sócios e os clientes

Pode-se dividir os indivíduos que vão à Turma OK em sócios e clientes. Sócios são aqueles indivíduos que contribuem mensalmente com uma mensalidade fixa destinada à manutenção do espaço. Hoje, a Turma OK conta com 120 sócios, dentre homossexuais, não-homossexuais¹³ e travestis. A grande maioria desse contingente é composta de homens na faixa etária de 50 a 86 anos de idade. São muitos os casais homossexuais sócios da Turma, muitos dos quais mantêm “projetos” na casa. Aos sócios do sexo masculino é permitido concorrer para o cargo de presidente ou mesmo ser incorporado como diretor em alguma gestão.

De acordo com o Art. 5 do Estatuto da Turma OK, os sócios podem ser “efetivos” e “beneméritos”. Os “sócios efetivos” são aqueles que pagam a mensalidade todos os meses. Esses sócios podem participar das assembleias e não pagam a entrada nos finais de semanas. Os “sócios beneméritos” são aqueles que por sua dedicação à Turma OK mereceram como forma de reconhecimento o título de benfeitor. Estes sócios são indicados pelo presidente da instituição e devem ser aprovados pelo conselho. Todos os presidentes ao deixarem o cargo são agraciados com esse título. O “sócio benemérito” não paga a mensalidade obrigatória para a manutenção da associação, sendo liberada sua entrada na casa e nas assembleias que ocorrem mensalmente.

A Turma OK conta ainda com o Departamento Feminino, composto por mulheres não-homossexuais, algumas das quais são mães de sócios, como Dona Hildinha, mãe de Patrícia Saint Laurent, que frequenta regularmente a Turma, sobretudo quando seu filho se apresenta. Esse departamento foi criado por Anuar na sua gestão na década de 1980. Ele conta que sua criação se relaciona com a preocupação da associação em promover

¹³ Classifico como não-homossexuais, as mães de sócios, as integrantes do Departamento Feminino, as crossdressers, bem como os heterossexuais que frequentam o espaço.

atividades de caráter assistencialista. Nesse momento, revela Anuar, a Turma começou a estimular programas de atendimento assistencial aos seus sócios mais pobres. Esses programas incluíam a distribuição de remédios e o pagamento de planos de assistência funeral. Para Anuar, essas ações puderam mostrar ao grande público que a Turma OK não era apenas um clube de “bichas velhas” que se “montavam”.

O Departamento Feminino tem algumas atribuições específicas dentro da estrutura da Turma OK. A organização de bazares, a festa de Natal e outras atividades que envolvem o preparo de comida são realizadas pelo Departamento Feminino. Algumas sócias que fazem parte desse departamento também fazem shows, mas não se vestem do outro gênero. Quando perguntado sobre a possibilidade de uma mulher algum dia ser presidente da Turma OK, Anuar se mostra contrário a essa possibilidade. Segundo ele, “a OK tem que ser gay, totalmente gay...”. Não existe qualquer tipo de interdição em relação a essas mulheres fazerem shows. Contudo, são poucas as que se dedicam a essa atividade, e nenhuma se responsabiliza pela produção de um “projeto” na casa.

Parece que essas mulheres reproduzem na estrutura organizacional da associação as mesmas funções de que são tradicionalmente investidas na esfera doméstica. Trazer as mulheres para a Turma, conta Anuar, representou ainda formalizar o interesse da associação em ser percebida como uma família. Essas mulheres atenderam bem a esses objetivos, encarnando o papel de mãe, aquela que arruma a casa, que prepara a comida e que, principalmente, cuida dos filhos. Acredito que a presença das mulheres serviu mostrar ao público mais amplo que a Turma OK é uma casa de respeito, que pode ser visitada sem constranger os convidados com possíveis cenas entre homens se relacionando com homens.

Os sócios têm também algumas obrigações como o pagamento da mensalidade. O valor da mensalidade é de R\$ 35,00 sendo o seu vencimento fixado até o dia 10 de cada mês. Para ser sócio, a pessoa interessada que já frequenta a casa entra em contato com o presidente, Benito, responsável pelo cadastramento dos novos sócios e de receber a mensalidade dos já contribuintes. Para realizar o cadastro de sócios é necessário uma foto 3x4 e o valor correspondente à primeira mensalidade. De posse dessas exigências, Benito preenche uma ficha com os dados pessoais do interessado como nome, endereço e contatos de telefone e celular. Concluído esse preenchimento, é entregue ao novo-sócio uma carteira contendo sua foto, nome completo e data da filiação.

De posse dessa carteirinha, os sócios não precisam pagar a taxa de entrada da casa. Uma regalia permitida aos sócios é pegar bebidas e petiscos fiados no bar. Eles possuem ainda o direito de participar e votar na Assembléia Mensal de Sócios. Nessa reunião, são convocados todos os sócios-pagantes interessados em discutir questões relacionadas ao bom funcionamento da Turma OK. Problemas com a estrutura, com o uso adequado do espaço, bem como querelas entre os sócios são pautas frequentes nessas reuniões. A presença nas assembléias não é obrigatória. Benito disse que existe a ideia de mudar a periodicidade desses encontros em função da pouca quantidade de pessoas que participam, deixando de ser mensal para ser realizada a cada três meses. Na assembléia de fevereiro, por exemplo, estavam presentes dez pessoas, contando comigo.

As assembléias ocorrem sempre na primeira semana de cada mês, geralmente em uma terça-feira ou quarta-feira. É sempre marcado o horário das 20 horas para começar. Nas vezes em que estive presente, chegava por volta das 20 horas e 20 minutos e só encontrava Benito em frente ao prédio da Turma OK, na calçada oposta. Aos poucos iam chegando outros sócios, conversávamos sobre amenidades e outras questões relacionadas ao cotidiano da Turma OK. Quanto já se somava um bom número de pessoas em frente ao prédio, Benito abria as portas para começar a reunião em torno das 21 horas.

Para as assembléias, as cadeiras são colocadas enfileiradas em frente ao palco. No palco, três mesas formam uma única estrutura que será utilizada pelo presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário e o redator das atas. O responsável pelas atas é Luiz Osvaldo, professor de teatro que dá cursos abertos de interpretação e dublagem para os “okeis” e para a comunidade. As reuniões se iniciam com a leitura pelo professor Luiz Osvaldo da ata confeccionada na reunião anterior. Às mulheres do departamento feminino fica a incumbência de prepararem um lanche e o café para servirem para os participantes.

Quando passei a frequentar as reuniões, alguns sócios já tinham dito que elas costumavam ser bastante “animadas”, com muitos bate-bocas e até agressões. Parece que na gestão anterior, cujo presidente era Mimososa Kerr, esses episódios eram mais frequentes. Com a entrada de Benito e Álvaro na presidência esse tipo de situação havia diminuído significativamente, segundo os relatos de alguns sócios. Parece que as brigas na gestão anterior ocorriam em função de desentendimentos em relação ao direcionamento dos recursos financeiros. A melhoria do “clima” nas assembléias foi, nas vezes em que participei, muito elogiada por diferentes sócios. Alguns chegaram a

destacar que só voltaram a frequentar as assembleias em função desse retorno da cordialidade entre os participantes.

Quanto ao que se debate nas reuniões, são muitos os assuntos, mas o que mais se destaca são os problemas financeiros enfrentados pela Turma OK. Na reunião de fevereiro, por exemplo, o foco da discussão foi o esvaziamento da casa nos meses iniciais do ano. Os meses de janeiro e fevereiro, sobretudo esse último mês em função do Carnaval, deixa a casa muito mais vazia. A falta de frequentadores que pagam entrada e consomem no bar desequilibra as contas, que são muitas. Somente o aluguel do casarão é de R\$ 1.800,00. Para o pagamento de dois garçons, um DJ, uma pessoa para ficar no caixa e outra para ficar na cozinha/bar é destinada a quantia de R\$ 50,00 por pessoa por noite trabalhada. Além desses gastos, a Turma tem contas de luz, gás, telefone e água.

Durante esses meses com menos frequentadores, a principal fonte de renda da casa é a mensalidade paga pelos sócios. O pagamento da mensalidade em dia é outra pauta presente nas assembleias. Muitos sócios deixam de pagar o valor fixado. Outro problema enfrentado é a venda de produtos fiados aos sócios. Alguns param de frequentar a Turma OK deixando uma conta “gigantesca” para trás. O atraso nas mensalidades gera ainda desconforto nas relações entre os sócios, Benito, na reunião de fevereiro, disse que não sabe o que fazer com essas pessoas, posto que são conhecidas de todos e ele não poderia proibir que frequentassem as dependências da Turma OK. De acordo com o regulamento, o não-pagamento da mensalidade pode acarretar a obrigatoriedade do pagamento da entrada, só que isso também não acontece, segundo Benito, em função da manutenção das relações amistosas entre os “okeis”.

Outro público que frequenta a Turma OK é aquele formado pelos clientes. Os clientes pagam o valor de R\$ 7,00 nos finais de semana e não têm o direito de participar das assembleias, nem de tomar partido das decisões internas referentes ao funcionamento da casa. Esse público é formado basicamente por amigos dos sócios, e frequentam a casa sem regularidade. São os clientes que, segundo Benito, consomem mais no bar, trazendo mais lucro para a casa. Eles não podem comprar fiado, sendo as contas pagas na hora, com dinheiro ou cartões de crédito e débito¹⁴.

¹⁴ Somente em dezembro de 2010 é que a Turma OK passou a oferecer aos seus sócios e clientes a possibilidade de fazer pagamentos com o uso de cartões de crédito e débito. Os sócios podem, inclusive, pagar a mensalidade usando essas opções.

O sucesso de um dado projeto é avaliado em função do número de clientes que o “dono de projeto” pode atrair. O show “Liza”, por exemplo, promovido pela sócia Rose Christine, foi considerado por Benito e outros sócios como um verdadeiro sucesso de audiência, posto que Rose tinha lotado o salão com amigos e outras pessoas interessadas.

Uma parte dos clientes é formada por mulheres de uma faixa etária que vai dos 50 aos 70 anos. Muitas dessas mulheres pertencem a programas voltados para a terceira idade, que são convidados pelos sócios da Turma para assistirem aos shows. A interação com esses programas foi uma forma encontrada pelo grupo de trazer público para o espaço e mostrar que a Turma OK poderia ser frequentada por diferentes pessoas. A ideia foi bem sucedida chegando a ser realizado em 2010 o concurso “Rainha dos Anos Dourados”, dedicado a premiar essas mulheres por sua beleza. Neste concurso, as mulheres de idade entre 50 e 70 anos se apresentavam com dois trajes, o traje típico e o traje de gala. Ao final do desfile, um grupo de jurados composto por integrantes da Turma OK elegia a nova rainha, que saía do palco com uma coroa e uma faixa. A iniciativa tornou algumas dessas mulheres clientes da casa, elas passaram a frequentar o espaço e trazerem os seus maridos para assistirem aos shows, como fez Marli, vencedora do concurso. Marli disse que ficou encantada quando conheceu a Turma OK. Ela conta que pôde relembrar de tempos passados, quando era fã dos concursos de Miss Brasil. Parece que a Turma OK exerce para essas mulheres a função de uma “máquina do tempo”, fazendo com que vivam momentos que ficaram para o passado.

A presença dos jovens não é tão regular, estes só frequentam o sobrado quando convidados por algum artista que irá se apresentar no palco. Poucos jovens se credenciam como sócios, e quando o fazem é porque estão interessados em fazer shows. Eventualmente, nota-se a presença de michês, rapazes fortes e bem jovens que destoam do conjunto dos frequentadores da casa. Quando presentes no espaço, esses jovens são desencorajados pelo presidente da associação a procurarem seus clientes, sendo sugerido que esperem o contato de algum interessado.

O “projeto” que mais atrai jovens do sexo masculino é o “Carlos Salazar & Company” apresentado por Carlos Salazar. Nesse “projeto” ocorre um concurso de *strippers*, no qual homens musculosos tiram as roupas ao som de música eletrônica. No domingo que ocorre esse “projeto” a casa fica lotada de jovens amigos dos concorrentes, casais e outros homens sozinhos, que não costumo ver com frequência.

Considerado um sucesso de público por Benito, o “projeto” de Carlos Salazar divide opiniões. Para os sócios mais antigos, como Dona Nildinha de 62 anos, a presença de homens nus no palco da Turma OK é uma falta de respeito com os presentes, ideia também compartilhada por Paulo Fatal. Conversei com alguns sócios sobre o assunto, como Jorge Bharoum, que se mostrou favorável a essa “inovação”. Na opinião dele, “somos gays, gay gosta de ver homem pelado, quem diz que não gosta é hipócrita”. As diferentes opiniões sobre o assunto evidenciam uma tensão entre o que é considerado “tradicional” e as chamadas “inovações” que ocorrem no palco da Turma OK.

Essas “inovações” são, geralmente, trazidas por sócios que trabalham em outros espaços do “circuito gay” carioca, como saunas e boates. São três os sócios responsáveis por trazê-las: Sissy Diamond, Carlos Salazar e Magaly Penélope. Os três trazem aos shows não somente *strippers*, mais também *Top Drags*, *Drag Queens* muito jovens cuja performance no palco está relacionada ao “bater cabelo¹⁵”, ao som de música eletrônica.

Os “projetos”

Os “projetos” são espetáculos que ocorrem mensalmente¹⁶ na Turma OK. Cada projeto possui um “dono” (um sócio ou mais) que fica responsável pelo cenário, maquiagem, figurino e convocação de outros artistas. Os “projetos” pertencem à Turma OK, podendo qualquer um deles ser extinto ou modificado pela vontade do presidente. Os artistas que se apresentam em “projetos” não recebem qualquer tipo de subsídio financeiro. A presidência da Turma OK oferece somente um ticket, que equivale à retirada no bar de uma cerveja, uma água ou um refrigerante para cada artista que se apresentar.

A seleção dos “projetos” ocorre em reunião interna com a presidência e demais diretores, sobretudo o Diretor Cultural. Quando um “projeto” é aceito pelo corpo dirigente da Turma OK, esse passa a integrar a agenda de atividades publicada no site e enviada por mala-direta para os demais sócios.

¹⁵ Consiste em rodar a cabeça balançando fortemente os cabelos de acordo com as batidas de músicas eletrônicas.

¹⁶ Alguns projetos podem ocorrer uma vez a cada três meses ou em outras periodicidades.

No site encontram-se todas as informações sobre os “projetos”. Já no início da semana são colocadas informações sobre os shows do final de semana seguinte. Os flyers¹⁷ com as informações são criados por Áquila, 60 anos, responsável pela produção de todo material de divulgação da Turma OK. Ele, assim como os “donos de projetos”, faz esse trabalho sem receber qualquer pagamento. Além dos flyers, Áquila fotografa os shows e disponibiliza algumas dessas fotos no site. Além de divulgar a programação da Turma OK, o site tem links com a história do grupo e do espaço, fotos antigas e, principalmente, a memória dos concursos promovidos pela associação. Essas informações foram reunidas por Anuar como uma forma de preservar o passado do grupo. Através dos links com os nomes de cada concurso pode-se conhecer a sua história e os nomes dos (as) seus (suas) premiados (as). Parece que o site assumiu a função dos jornais produzidos pelo grupo no passado. Contudo, o site é eminentemente informativo, não vincula qualquer tipo de fofoca ou outro conteúdo relacionado aos sócios, como era feito pelos jornais artesanais.

São muitos os “projetos” promovidos pelos sócios da Turma, como mostra a tabela abaixo com a lista daqueles que ocorrem com maior regularidade.

Tabela 1 – Os “Projetos” da Turma OK

Projeto	Dono	Dia
Magaly Penélope	Magaly Penélope	1° Sexta-feira de cada vez
Simplemente Patrícia	Patrícia Saint Laurent	1° Domingo de cada mês
Nas ondas da rádio (AM/FM)	Elaine Parker	2° Sábado de cada mês
Tula recebe...	Tula Morgani	2° Domingo de cada mês
Rio Ladies	Denise Tainah	3° Sexta-feira de cada mês
ABC Diamond	Sissy Diamond	3° Sábado de cada mês
Agora é que são eles e elas	Alvaro Marques & Ylona de Martini	3° Domingo de cada mês
Carlos Salazar & Company	Carlos Salazar	Ultimo domingo de cada mês

Fonte: Turma OK

Aos “donos de projetos” fica a incumbência de preparar o cenário, incluindo a compra e montagem da estrutura que enfeitará o palco. Também são eles que ficam responsáveis pela convocação dos artistas que se apresentarão no show.

Nenhum artista que se apresenta na Turma OK é remunerado. Todos dizem que fazem suas apresentações pautados na “camaradagem”, na amizade que nutrem uns pelos outros. Todos os gastos decorrentes com a decoração do cenário, com a maquiagem ou

¹⁷ São propagandas criadas com o objetivo de divulgar os eventos da Turma OK. Funcionam como um convite eletrônico.

com as roupas são responsabilidades dos “donos de projetos”. Os artistas convidados também arcam com os custos da maquiagem, roupa utilizada e deslocamento. Alguns se apresentam na Turma OK¹⁸ e ainda “montados” pegam um táxi para se apresentar em outro lugar.

A confecção das roupas do show implica gastos significativos para os artistas que se apresentam no palco da Turma OK. São roupas luxuosas, ricas em detalhes como bordados, pedrarias e aplicações. Para esses artistas, a roupa torna-se mais valiosa quanto maior o trabalho manual investido para a sua confecção. A vitória de Fabíola Fontinelle na Musa OK é um exemplo disso. Seu vestido de gala era feito em fuxico, tipo de costura que reaproveita retalhos de roupas. De acordo com a ganhadora, o tempo para costurar cada bolinha de fuxico e aplicar cristais foi tão longo que tornou o vestido ainda mais caro.

Grande parte dos “donos de projeto” se declara artistas-transformistas¹⁹. Nem todos são sócios da Turma OK, muitos fazem shows em bares, boates e saunas do “circuito gay” carioca. Magali Penélope faz muitas apresentações no *Quiosque Raibow* em Copacabana. Ela convida alguns artistas-transformistas que nunca se apresentaram fora da Turma OK para fazer performances nesse espaço. Sissy Diamond é outra sócia que convida esses artistas para suas apresentações na sauna New Novo Mundo. Alguns artistas fazem shows somente na Turma OK. Eles não se consideram profissionais, como Igor, 47 anos, advogado, que não se “monta”. Igor diz que os shows são um “hobby”, um momento de fuga do universo estressante do seu trabalho como advogado.

A principal criação artística do artista-transformista é a arte da dublagem. Anuar diz que um bom artista é avaliado pela sua capacidade de interpretar a música da forma mais próxima possível do seu original. Nessa arte, ele diz que não apenas a boca é a grande vedete, mais sim os olhos, as mãos e as expressões do rosto, que devem estar harmoniosamente coerente com a canção escolhida.

A “montagem” é um importante momento pelo qual passam esses artistas-transformistas. Tornar-se mulher requer muitos cuidados e, para muitos sócios, dores sentidas por todo o corpo. Dores nos pés, nas pernas, calor, desconforto são várias as

¹⁸ Os shows na Turma OK começam 1 hora da manhã, mais cedo do que os apresentados em boates, que costumam ser às 3 horas. Ainda assim muitos sócios reclamam do horário de início dos shows. Muitos dizem que é muito tarde e que o transporte fica difícil.

¹⁹ Utilizei a classificação adotada pelos sócios da Turma OK para nomear o que fazem no palco. As diferenças entre artistas-transformistas, crossdressers e travestis serão esclarecidas em outro capítulo.

sensações narradas por esses homens quando “vestidos do outro gênero” (VENCATO, 2009). Contudo, a necessidade de se mostrar bela é um atenuante diante do inconveniente da roupa e dos sapatos. Vale ressaltar que nem todos os “donos de projetos” ou artistas que frequentam o palco da Turma OK se “montam”, muitos apenas se “transformam” em outros personagens masculinos. Carlos Flores e Carlos Salazar são exemplos desse tipo de transformação, os dois nunca se “vestem do outro gênero”, dedicando suas performances a grandes cantores do cancioneiro popular, como Tim Maia e Luiz Gonzaga.

A Turma OK é o espaço onde muitos artistas-transformistas estréiam. O palco da Turma OK oferece a oportunidade para muitos jovens que se “montam”, ou mesmo para aqueles que nunca se “montaram”, experimentarem a arte de “vestir-se do outro gênero”. Um dos “projetos” da casa que mais estimula esse tipo de iniciativa é o “Esses homens maravilhosos e suas mulheres misteriosas”. Nesse “projeto”, todos os sócios da Turma OK e outros não-sócios são convidados para uma brincadeira, “montar-se” de mulher e apresentar uma performance no palco. Muitos sócios que nunca se apresentaram “vestidos de outro gênero”, fazem pela primeira vez durante esse evento.

Para essa tarefa, esses homens contam com a ajuda dos que fazem shows na casa. Quanto às roupas, essas também são tomadas de empréstimo de amigos que se apresentam regularmente na noite. O resultado é surpreendente: “mulheres lindas surgem diante de nossos olhos”, diz Ilona. Muitos aproveitam esse momento para se assumirem como artista-transformista. O clima amistoso e descontraído permite que aqueles que nunca se “montaram” se sintam confortáveis e seguros no palco.

Ilona de Martini disse que a experiência dos mais jovens no palco da Turma OK é reveladora de novos talentos da “arte” de se “montar”. Muitos desses jovens logo depois começam a se apresentar em “projetos”, convidados pelos “donos”, e outros chegam a fazer grande sucesso na noite gay carioca, como Érica Vogue e Ava Simões, duas que começaram no palco da Turma OK.

Para os que se “montam” estar com roupas femininas implica uma inversão de papéis sociais semelhante ao que ocorre na possessão ritual. Eles adotam as classificações presentes entre o “povo de santo” para explicar esse devir. Quando estão “montados”, esses homens se referem ao seu “eu-masculino” como “cavalo”. Nos rituais afro-brasileiros, o “cavalo de santo” é o indivíduo que incorpora um orixá, um rodante. Para os homens da Turma OK, a “montagem” representa uma forma de “possessão” na

qual o corpo masculino, o “cavalo”, seria possuído por uma beldade, o “eu-feminino”, que sobe ao palco para o show.

Transformar o “cavalo” em uma “bela OK” requer muito investimento em roupas e maquiagem. Contudo, esses investimentos não implicam em mudanças permanentes no corpo. A principal forma encontrada por esses homens para se tornarem mulheres é a “trucagem”. Trata-se de técnicas corporais baseadas no emprego de maquiagem e outros recursos que reproduzem o feminino nos corpos. Chegar a uma perfeição feminina não é um problema para esses homens. Muitos se apresentam com pêlos aparentes, sombrancelhas grossas e sem “trucar o pênis²⁰”. A voz é outro marcador de gênero que se preserva ainda que “montados”. Não observei qualquer esforço desses homens em simular uma voz feminina. Quando pegam o microfone, “montados”, todos falam como se estivessem falando na forma “cavalo”. A feminilidade é expressa pelo uso de roupas femininas e pela maquiagem. A performance no palco é o que, de fato, define um artista-transformista.

Considerações finais

Este trabalho tratou da trajetória da Turma OK. O surgimento desse grupo na década de 1960 esteve intimamente relacionado ao processo de consolidação de uma identidade homossexual no Rio de Janeiro. A percepção corrente entre os seus membros de que o grupo era uma “família” permitiu criar uma rede social baseada em laços de amizade. Essa rede foi responsável pela integração desses homens em uma intensa vida social. Ao mesmo tempo, permitiu “inventar” formas de vir-a-ser homossexual em um período marcado pela falta de liberdade.

Os shows de artistas-transformistas, concursos e outras apresentações são as principais atividades organizadas pela Turma. Em torno dessas atividades estão homens homossexuais, muitos dos quais envelheceram junto com a Turma OK, outros foram incorporados mais tarde. No passado esse grupo foi um símbolo de resistência frente ao modelo de sociedade desenhado pela ditadura. Hoje, tenta se afirmar como “patrimônio cultural” da Lapa, na busca de receber um público cada vez mais diversificado

²⁰ Prender o pênis entre as pernas com o objetivo de simular o órgão sexual feminino. Isso é feito, geralmente, com um adesivo.

interessado em apreciar sua principal criação: a transformação de homens homossexuais velhos em belas mulheres.

Referências bibliográficas

COSTA, Rogério da Silva Martins da. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob**. 2010. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

_____. 2008. **A “Turma OK”: um espaço de sociabilidade gay**. Monografia (Especialização em Sociologia Urbana) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DANIEL, Herbert & MÍCCOLIS, Leila. **Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre homossexualidade**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos de 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GÓIS, João Bosco Hora. **Vestígios da força das palavras: escritos sobre a AIDS**. 1999. (Tese de Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

GOLDENBERG, Mirian. **Toda mulher é meio Leila Diniz**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **Casos e acasos**. Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, 1984. Disponível em:

<<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V01A24.pdf>> Acesso em: 13 de janeiro de 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

VENCATO, Anna Paula. *“Existimos pelo prazer de ser mulher”*: uma análise do **Brazilian Crossdresser Club**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.